

São Paulo, 21 de maio de 2024.

SEMINÁRIO 08

Lefebvre, Henri ([1985] 2013). “Prefácio – A produção do espaço”. *Estudos Avançados*, 27 (79), 2013, pp. 123-132.

Por Hermógenes Moussallem Vasconcelos, Nº USP 14697992

1. Biografia do autor:

Henri Lefebvre nasceu em Hagetmau, França, em 16 de junho de 1901, faleceu em 29 de junho de 1991, aos 90 anos. Estudou Filosofia na Universidade de Paris (Sorbone), graduando-se em 1920. Em 1928 junta-se ao Partido Comunista Francês – PCF, permanecendo até 1958. Leciona filosofia entre 1930 e 1940, quando se junta à resistência francesa contra os nazistas. Escreveu obras como *Direito à Cidade* (1968), *Revolução Urbana* (1970), *A Vida Cotidiana no Mundo Moderno* (1968), *Do Rural ao Urbano* (1970), e *A Produção do Espaço* (1974). Foi um pensador que deixou grande contribuição no campo da filosofia, da sociologia, da sociologia do meio rural, da geografia, da ciência política, da análise de conjunturas históricas [da Comuna de Paris à irrupção de maio de 1968] e da crítica literária¹. Dedicou grande parte de seu trabalho à compreensão do espaço e da produção deste, influenciando a teoria urbana atual. É reconhecido como importante intérprete e propagador do pensamento marxista².

2. Contexto editorial:

O texto que analisamos neste seminário foi republicado na revista *Estudos Avançados* da

¹ NETTO, José Paulo. *Lefebvre, 1955: crítica e generosidade – Blog da Boitempo*. [s.d.]. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2015/11/16/lefebvre-1955-critica-e-generosidade/>. Acesso em: 17 maio. 2024.

² Henri Lefebvre publica “Le droit à la ville”. [s.d.]. Disponível em: <https://cronologiadourbanismo.ufba.br/biografia.php?idVerbete=1556&idBiografia=37>. Acesso em: 17 maio. 2024.

Universidade de São Paulo em 2013³, originalmente publicado como prefácio da segunda edição de *La Production de l'espace* em 1985. O livro, que não foi publicado no Brasil, conta com uma tradução elaborada por Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins, distribuída gratuitamente em formato PDF na web. Embora textos de Lefebvre sobre o marxismo, a vida cotidiana e a cidade tenham sido amplamente lidas nos anos de 1970, suas reflexões sobre o espaço, tema desta obra, despertaram, na época, pouco interesse⁴, já que a problemática *espacial* não estava no centro da agenda teórica. Hoje, porém, o livro *A Produção do Espaço* é regularmente citado, já que processos combinados de urbanização e globalização fazem com que nosso mundo clame por novos conceitos de espaço correspondentes às condições sociais contemporâneas: “sua significância reside especialmente no fato de que ela integra sistematicamente as categorias de cidade e espaço em uma única e abrangente teoria social, permitindo a compreensão e a análise dos processos espaciais em diferentes níveis”⁵

3. Conteúdo do texto:

3.1. Tema:

Espaço enquanto produto: o texto faz uma exegese sobre o conceito tanto de *espaço*, [ampliando seu sentido para além dos campos tradicionais: da matemática, da cosmologia, da filosofia e da natureza etc.], quanto de *produto*, articulando-os com a questão social e com o modo de produção.

3.2. Problemas abordados no texto:

Partindo da limitação sobre a noção de espaço e de produto, o autor propõe que é preciso compreender o espaço como um *produto social*, que faz parte de uma “*natureza segunda*” [transformada pelo modo de produção] e não é parte da “*natureza primeira*”.

Expõe contradições: entre a prática [planificação] e a teorização espacial, fazendo uma espécie de crítica à *modernidade*, que não deu conta de resolver o que se propunha, resultando em: homogeneidade, fragmentação e hierarquização.

³ LEFEBVRE, Henri. Prefácio: a produção do espaço. *Estudos Avançados*, [S. l.], v. 27, n. 79, p. 123–132, 2013.

⁴ SCHMID, Christian. A teoria da produção do Espaço de Henri Lefebvre: Em direção a uma dialética tridimensional. *GEOUSP: Espaço e Tempo (Online)*, [S. l.], n. 32, p. 89, 2012. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geousp.2012.74284.

⁵ *Ibidem*.

3.3. Principal tese contida no texto:

O autor propõe que o espaço é um *produto social*, “um conjunto de relações” (p.125) sendo também um vetor da produção dele próprio [é, portanto, produto e produtor]. O modo de produção organiza e produz seu *espaço* [e certas relações sociais] “e assim ele [o modo de produção] se realiza” (p.128).

3.4. Objeto empírico:

O *Espaço social*: o campo das interações, o local onde acontecem as relações entre os indivíduos, a vida cotidiana, portanto, onde se dá a *produção* do *espaço* e do seu *modo de produção*.

3.5. Orientações teóricas:

Como nos textos examinados anteriormente nesta disciplina, é possível perceber que o eixo teórico sobre o qual repousam seus argumentos está na doutrina marxista: o espaço social é interpretado um produto das relações sociais e do modo de produção. Sustenta que a ideia de espaço permeia todos os níveis do modelo de *base-estrutura-superestrutura*, confrontando a ideia de que o espaço faria parte apenas da *superestrutura*, de acordo com preceitos mais ortodoxos do marxismo, o que, segundo o autor, não desabilita a leitura do espaço dentro da doutrina, mas convida a uma nova abordagem, mais flexível e inovadora.

Cita de passagem Hegel, apenas para ajudar a conceituar *produto*, quando este afirma que “um conceito só emerge quando o que ele designa, fica ameaçado ou próximo de seu fim” [e de sua transformação], dando a entender que a conceituação de *produto* procede de sua transformação.

Cita Walter Gropius, liderança da Bauhaus, em sua trajetória na América para ilustrar as contradições do modernismo e sua rendição ao modo de produção norte-americano, que sintetiza em três caracteres fundamentais: homogeneização, fragmentação e hierarquização. Nesse contexto, cita também a “desventura e destino trágico” de Le Corbusier [Charles-Edouard Jeanneret-Gris] um dos fundadores da arquitetura moderna.

1.1. Estrutura Argumentativa:

O autor inicia fazendo uma abordagem sobre o sentido do termo *espaço* e como ele foi usado em diversos campos do saber, se fragmentando, segundo postulados metodológicos simplificados [disciplinas].

Então evidencia que há um paradoxo, ou seja, uma contradição não expressa entre a prática e esses saberes fragmentários. Usa o exemplo da planificação territorial francesa, descompromissada com essa teoria das disciplinas [saberes fragmentários].

Considera que o espaço [social] assim como o tempo [social] não como um fato da natureza, mas como *produtos*. *Produtos* que não saem de máquinas, mas são aspectos de uma *natureza segunda*, efeito da ação das sociedades sobre a *natureza primeira*.

Assinala que por volta dos anos 1970 já se colocava em evidência as questões urbanas, mas os textos oficiais não davam conta nem de regular, nem de mascarar o que chama de “barbárie massiva e selvagem” de uma urbanização sem racionalidade e originalidade, pautada na maximização dos lucros, uma crítica à *modernidade*.

Questiona as cidades como centros e lugares privilegiados, “berços do pensamento e da invenção”. Instiga pensar nelas levando em conta o espaço que ocupam. Afirma que não se pode pensar nelas enquanto *obras* sem antes pensar nelas como *produtos*.

A concepção do espaço não como um produto qualquer, coisa ou objeto, mas um conjunto de relações. Portando, aqui afirma que é preciso aprofundar-se no conceito de *produto*. Para Lefebvre, o espaço não pode ser concebido como um vazio, mas como *produto e produtor*. “O espaço intervém na própria produção [...] entra nas relações de produção e nas forças produtivas” (p.125).

Analisa então o espaço enquanto *superestrutura*, segundo a estrita tradição marxista. Afirma que o espaço não pode ser examinado como pertencente a determinado nível, dentro da teoria da *base-estrutura-superestrutura*, mas isso não exclui ou desabilita a orientação marxista, e sim convida a aprofundar a análise, trazendo outros conceitos e renovar os procedimentos. Sendo isso o que propõe a obra: “ela pressupõe que o espaço aparece, se forma, intervém, tanto em um dos níveis quanto em outro, tanto no trabalho quanto na relação de propriedade, como no funcionamento das superestruturas [instituições]”; desigualmente, mas em todos os níveis, articulando-os.

Afirma que se o espaço social intervém no modo de produção, sendo ao mesmo tempo causa e razão, ele também muda, junto com o modo de produção, portanto é possível afirmar que há uma história do espaço, ainda por escrever.

Lefebvre aborda a questão da simultaneidade, entre o mental e o cultural, entre o social e o histórico: [descoberta, produção e criação], no entanto não há uma relação direta entre o modo de produção de uma sociedade e seu espaço. Para Lefebvre, há descompassos: ideologias de intercalam, e ilusões se interpõem. É isso que a obra começou a elucidar, segundo o autor. Menciona dois

casos para ilustrar: Primeiro usa a construção do espaço medieval em perspectiva: alamedas de cipreste e fachadas em centros urbanos alinhadas, antecedendo a invenção [teoria] da perspectiva; outro caso, os teóricos da Bauhaus, atuando no capitalismo da América, dada a conjuntura da expatriação a que foram submetidos, elaborando portando uma modernidade desenquadrada dos preceitos a que se propuseram, engendrando uma modernidade com características precisas (p.127):

- Homogeneidade: fabricação de materiais, exigências análogas dos intervenientes, métodos de gestão e controle.
- Fragmentação: conjuntos (habitação) de fato isolados, fragmentados “em lotes, parcelas, migalhas”
- Hierarquização: espaços residenciais, para o comércio, para o lazer, “para os marginais” etc.

Afirma que esse esquema do espaço atingiu uma espécie de generalidade com efeitos análogos no saber e na cultura na sociedade inteira.

Lefebvre afirma que a obra “procurou não só caracterizar o espaço em que vivemos e sua gênese, mas a gênese da sociedade atual, através do espaço produzido” (p. 127). Assim, podemos ao olhar pra trás, depois para o presente, entrever o futuro [método regressivo-progressivo?]. Sugere esse procedimento em estudos locais, em diversas escalas, relacionando-as a teoria geral. O local, o regional, o nacional e o mundial se implicam e se imbricam, assim como o territorial, o urbanístico e o arquitetural tem entre si relações análogas.

O autor expõe mais uma questão importante, ainda que o espaço social concerne a uma globalidade, não se exclui o estudo pontual, do local, do pequeno, mas não se pode deixar que esta leitura se torne fragmentada, desmembrando o que se articula sob o risco de deslocamento de redes, vínculos e relações no espaço, fazendo desaparecer a produção, portanto distorcendo a percepção.

O modo de produção organiza, produz seu espaço e certas relações sociais, assim como seu tempo (social), e assim ele se realiza, sem que haja uma relação direta entre as relações sociais e as relações espaciais. O novo modo de produção [a sociedade nova] arranja, para seus fins, o espaço preexistente, modelado anteriormente, modificando-os lentamente: “a organização anterior se desintegra e o modo de produção integra em si os resultados” (p.129).

O autor afirma que a concentração espacial [cidades?] favorece ao poder político e ao ganho de capital, com a otimização da produção material, assim como as classes sociais se travestem na hierarquia espacial.

O autor afirma que existe um novo espaço em formação em escala mundial, que tende a desintegrar o nacional e o local, processo ligado ao conflito entre uma nova divisão do trabalho em escala mundial e o esforço em direção a uma nova ordem mais racional.

Na parte final questiona se do capitalismo não poderia surgir algo que revele suas contradições e não as oculte.

3.6. Resultados interpretativos:

É importante entender o espaço como um elemento central na organização e na produção da vida social e econômica, e não apenas como um suporte, um pano de fundo passivo ou uma categoria abstrata.

O texto sugere uma dialética do espaço, onde o espaço é visto como um produto-produtor, suporte das relações econômicas e sociais, e parte das forças produtivas.

É preciso pensar a cidade [no capitalismo], antes como produto e depois pensar com obra [no sentido da obra de arte que transforma os materiais].

4. Questões para discussão:

a) Como o espaço público é definido no texto?

Como um campo abstrato onde ocorrem as relações sociais, onde o modo de produção opera e o cria, como produto dessa operação. Compreendo que o espaço social que o texto se refere é justamente o espaço público.

b) Qual o objeto empírico tematizado por referência ao espaço público?

O espaço social, campo onde se estabelecem as relações sociais, portanto, o espaço público.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARXISMO - Henri Lefebvre. [s.d.]. Disponível em: https://www.lpm.com.br/site/default.asp?Template=../livros/layout_produto.asp&CategoriaID=736390&ID=619084. Acesso em: 17 maio. 2024.

Henri Lefebvre publica “Le droit à la ville”. [s.d.]. Disponível em: <https://cronologiadourbanismo.ufba.br/biografia.php?idVerbete=1556&idBiografia=37>. Acesso em: 17 maio. 2024.

NETTO, José Paulo. **Lefebvre, 1955: crítica e generosidade – Blog da Boitempo**. [s.d.]. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2015/11/16/lefebvre-1955-critica-e-generosidade/>. Acesso em: 17 maio. 2024.

LEFEBVRE, Henri. Prefácio: a produção do espaço. **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 27, n. 79, p. 123–132, 2013.

SCHMID, Christian. A TEORIA DA PRODUÇÃO DO ESPAÇO DE HENRI LEFEBVRE: EM DIREÇÃO A UMA DIALÉTICA TRIDIMENCIONAL. **GEOUSP: Espaço e Tempo (Online)**, [S. l.], n. 32, p. 89, 2012. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geousp.2012.74284.